

Em Busca do Tempo

Há problemas que só o tempo resolve e problemas que se complicam com o tempo. A tentativa de formação de um bloco oficial no Senado é um esforço final para gastar o tempo que é desfavorável ao governo. A atual representação parlamentar está com os seus dias contados. Começou a contagem regressiva, até 1º de fevereiro. Descontado o recesso que começa dia 15, para as festas de final de ano, não sobra tempo hábil para exame, aprovação ou rejeição da pauta de matéria acumulada.

Os votos com que conta o governo no Senado têm sido suficientes para conter o instinto predador que aprova gastos imprudentes na Câmara. Trata-se de uma emergência que não comporta soluções com a pretensão de prevalecer na próxima legislatura. A improvisação arremeteu com ímpeto mas caiu no vácuo de um debate bizantino e inconclusivo. O senador José Inácio, que exerce a função de líder do governo na Casa, não conseguiu formalizar o bloco oficial com um requerimento avalizado por três dezenas de assinaturas. O pedido de registro foi recusado (o bizantismo não ia perder a oportunidade) porque formar bloco é prerrogativa dos partidos, e não iniciativa avulsa de senadores.

O debate começou a resvalar para o ridículo jurídico. O presidente Nelson Carneiro passou a casar a palavra dos bizantinos que metiam a colher no assunto vencido. Volta a questão à sua origem. O governo terá de escolher entre formar um partido novo, fundir os que o sustentam precariamente, organizar o bloco de apoio ou sujeitar-se a operar uma maioria fluante que só se mantém coesa mediante compensações políticas. Esse jogo, porém, é perigoso e instável.

De momento, porém, tudo se resume em malbaratar o tempo parlamentar restante, para bloquear qualquer imprudência dos deputados. Não há necessidade de formar uma orquestra para executar uma sinfonia, mesmo porque a falta de harmonia é total: todos afinam ao mesmo tempo os instrumentos. Desde que corrija no ato a insensatez de uma Câmara que enlouqueceu depois que 61 em cem deputados foram mandados para casa.

A questão por trás dessa aparência é a dos partidos, que passam por uma crise de cuja solução se pode duvidar. Não acompanharam a evolução política no primeiro passo dado com o voto direto. A começar de

que o vencedor da eleição presidencial apresentou-se por uma legenda que atendeu a uma necessidade legal mas não merece tratamento de partido político. Como explicar, dentro dos critérios vigentes, que um candidato possa obter 35 milhões de votos sem apresentar-se por um dos grandes partidos?

Da liquidação dos partidos nas urnas sobrou apenas a ilusão que os proprietários das legendas eleitorais mantêm. Os partidos estão com os seus dias contados porque são todos muito parecidos. Não há diferença que o cidadão consiga perceber. Temos um partido que se diz liberal mas não acredita na liberdade econômica. Liberais brasileiros fazem uma distinção perfeitamente imbecil, quando se declaram liberais em política mas não em economia. Não querem é dizer que são intervencionistas e reconhecem ao Estado o direito de se intrometer diretamente na economia, como empresário. É uma contrafação.

No mais, são de esquerda ou se fingem de socialistas à antiga. Desconhecem tudo que se passou no Leste europeu, e duvidam que a liberdade pudesse ser tão devastadora para o modelo. São sebastianistas à espera de uma reviravolta que restabeleça aquelas premissas equivocadas que deram as piores consequências. A esquerda brasileira tem como denominador comum, do PCB ao PDC, passando pelo PT e outros menos citados, o nacionalismo econômico, a estatização e o antiimperialismo dos anos 50.

O PMDB é o que se viu na sucessão presidencial e na eleição deste ano: uma contradição arruinada pela inépcia e pelo vazio da sua proposta de mudança. Era, no máximo, mudança de endereço, dos governos que ocupava, para o lado de fora. Para completar o arco de baixa representatividade política dos partidos, basta assinalar que o Brasil não tem ao menos um partido que se confesse de direita, que não é incompatível com a democracia. Nem essa distinção já somos capazes de fazer. Poderia, portanto, ser muito diferente a situação?

O fato é que os blocos são instrumentos para uso eventual. A democracia precisa contar mesmo é com partidos, e não apenas com legendas eleitorais, em número excessivo e sem características nítidas, que apenas confundem o eleitor e atrasam a democracia. É a hora de dizer e ouvir verdades que possam ser úteis.